

# Da plenitude à ecologia integral: apelos do Sínodo da Amazônia para as relações dialogais

## From fullness to integral ecology: appeals of the Amazon Synod for dialogical relations

Joachim Andrade<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem o intuito de realizar uma abordagem holística sobre o Sínodo da Amazônia, a partir da palavra-chave plenitude, com três imagens distintas: do Oriente, da africana e do Ocidente. Recebe o tratamento para as formas em que o divino dialoga com a humanidade em contextos específicos para preservar a ordem ou estabelecer a justiça. Além disso, o artigo busca sinalizar os desafios levantados pelo sínodo, tanto para a Igreja como para a humanidade. O artigo identifica três gritos específicos da região surgidos conforme contextos distintos e ouvidos pelo sínodo. A análise sobre os gritos pretende fornecer algumas pistas concretas sobre as atitudes que devem ser tomadas tanto pela Igreja como pelos governos. Por fim, o artigo apresenta alguns caminhos de diálogo como resposta e também como escuta aos apelos do sínodo.

### Palavras-chave

Sínodo. Plenitude. Caminho. Diálogo. Gritos.

### Abstract

This article aims to present a holistic approach on the Amazon Synod, pointing out a keyword fullness, with three distinct images: from the East, Africa and from the West. Treats also the forms in which the divine dialogues with the humanity in specific contexts to preserve the order or establish justice. In addition, the article seeks to signal the challenges raised for both Church as well as for humanity. The article identifies three specific cries of the region which are originated as per the distinct contexts and heard by the synod. The analyses of the cries offer some concrete steps for the attitude to be taken by the Church as well by the governments. Finally, the article presents some ways of dialogue as a response and also as attentive listening to the appeals of the synod.

### Keywords

Synod. Fullness. Way. Dialogue. Cries.

## INTRODUÇÃO

Preocupações com o meio ambiente, na maior floresta tropical do mundo, a Amazônia, detentora de imensa e incomparável biodiversidade, fortemente influenciadora na saúde de todo o planeta e na dignidade humana de comunidades indígenas, com profundas tradições culturais

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Teologia pela Faculdade Vicentina (FAVI). Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: [joachimandrade@terra.com.br](mailto:joachimandrade@terra.com.br).

de grande sabedoria e espiritualidade, vítimas, entretanto, mais afetadas e vulneráveis, levaram o papa Francisco anunciar o Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica.

Sabe-se que a floresta amazônica, conforme apresentado no *Documento final* do sínodo (9), é integrante de alguns países como Brasil, Peru, Venezuela, Colômbia, além de outros da América do Sul. Fornece 15% da água doce ao mundo e contribui para as correntes eólicas globais. O sínodo teve o intuito identificar novos caminhos de evangelização na região, resgatar o equilíbrio de toda a criação, estabelecer relações mais humanas a todos os seres animados e inanimados num convívio de paz.

O *Documento final* aborda as discussões-chave que ocorreram durante três semanas em Roma, mostrando que existe uma ameaça à vida na região provocada pelo desmatamento e exploração, pela violência sistemática dos direitos humanos da população indígena, além de fornecer possível acesso aos sacramentos, motivado pela escassa presença dos religiosos na região. Novidade interessante no Sínodo da Amazônia é a tentativa dos bispos em buscar um diálogo não somente com os humanos de todos os setores da sociedade, mas também dialogar com os seres vivos, animados e inanimados propondo uma ecologia integral.

A preocupação com a preservação das florestas, e em particular da Amazônia, não é algo novo que começou com este sínodo. As discussões sobre aquecimento global já foram pauta das políticas de diversos países.<sup>2</sup> Para se compreender um conjunto amplo, torna-se necessário buscar as inspirações, sentimentos e a mística que são invisíveis, mas se encontram presentes ao se ler o *Documento final* do sínodo. O interesse, aqui, não é apresentar o documento produzido pelo sínodo, mas a intenção é de apresentar o que está escondido ou não percebido – o divino dialogando com os humanos, apelando aos cuidados das florestas para manter a harmonia cósmica do universo. Observando-se as imagens de pessoas envolvidas no processo preparatório – os rostos coloridos do povo indígena, de autoridades religiosas no próprio sínodo, além da própria figura do pastor papa Francisco, sente-se que nessas imagens a presença do próprio divino que se preocupa com a ordem cósmica, simbolicamente na região amazônica, ao longo do processo sinodal.

Pode-se analisar esse enfoque em visões diversas. A tradição hindu apresenta como “o Uno se tornando múltiplo” ou a tradição cristã afirmando o “divino se tornando humano” ou a tradição chinesa apontando “harmonia entre os opostos”. Todas essas dimensões levam a realizar a leitura do Sínodo da Amazônia com perspectivas diversas apresentando múltiplas imagens que dialogam com o conteúdo do sínodo.

No desenvolvimento dessa empreitada objetiva-se, primeiramente, abordar as diversas imagens, obtidas em várias culturas concernentes ao “Uno”, igualmente apresentado como “plenitude”. Num segundo momento irá se analisar, a partir de algumas tradições religiosas, a

---

<sup>2</sup> A bacia do rio Amarelo, na China, a do rio Congo, em diversos países da África, a região do rio Mekong, no sudeste asiático, a região de mata ocidental no sul da Índia, sem mencionar o rio Mississipi, nos Estados Unidos e a mata atlântica, aqui no Brasil.

participação do divino no estabelecimento da ordem cósmica e justiça na sociedade. Em seguida, num terceiro momento, se lançará um olhar carinhoso aos apelos do sínodo, que imploram e exigem as conversões de naturezas diferentes. Finalmente, apresentam-se algumas reflexões indicando certas direções para viver as propostas do sínodo.

## **1 PLENITUDE COMPREENDIDA POR MÚLTIPLAS ÓTICAS**

Para se observarem as múltiplas óticas da plenitude, apresenta-se a reflexão do décimo primeiro presidente da Índia, que escreve: “o Todo-Poderoso criou os seres humanos com raciocínio e faculdade de pensamento. Ele ordenou à sua criação que essa faculdade fosse usada por todos os dotados de razão para buscar a sua imagem” (KALAM, 2014, p. 2). Nos últimos anos, as abordagens holísticas, quânticas e místicas utilizam-se de uma linguagem diferente para tratar do mesmo assunto. No âmago deste entendimento consegue-se compreender a dinâmica do Sínodo da Amazônia. O símbolo da plenitude, em princípio, engloba tudo o que existe podendo, também, ser analisado em perspectivas diversas.

A perspectiva mais abrangente é a religiosa, que se pode identificar nas tradições congêneres, mas analisadas em formas diferentes, remetendo à mesma ideia. A primeira abordagem se encontra na sagrada escritura hinduísta *Bhagavad Gita*, que afirma nas orientações de Deus Krishna, a Arjuna, no campo da batalha: “Ó Arjuna, tudo o que quiseres ver, contempla imediatamente neste Meu corpo. Esta forma universal pode mostrar-te tudo o que agora desejes ver e tudo o que queiras ver no futuro. Todas as coisas – móveis e inertes – estão aqui completamente, num só lugar” (BHAGAVAD GITA, 10, 7).<sup>3</sup> Nisto se percebe que o mundo vibra com a presença divina, sendo considerado como extensão do corpo do próprio Deus, que o próprio divino é plenitude.

A segunda imagem da plenitude também pode ser vista na Bíblia, quando Deus se dirige aos recém-criados seres humanos:

Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra [...]. Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra. E todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês (Gn 1,28-29).

Neste texto se percebe que a harmonia do universo depende da qualidade da relação do ser humano para com a natureza. Posteriormente, no desenvolvimento da teologia cristã, foi apresentada a imagem da *Santíssima Trindade* como símbolo da plenitude, onde Deus, uno e

---

<sup>3</sup> Existem dois épicos na tradição hinduísta, o “Ramayana” e o “Mahabharata”. O primeiro trata da eventual vitória do bem sobre o mal. O segundo, de uma guerra (da qual Krishna participa diretamente) travada entre primos pela posse de um território. O “Bhagavad Gita” (“A Suprema Canção do Senhor”) é último capítulo do épico “Mahabharata”. É considerado uma espécie de “Novo Testamento” do hinduísmo. Também, conforme o hinduísmo, quando a “Terra” apresenta muita violência e desordem, Vishnu (a segunda pessoa da tríade hindu, o Deus preservador) assume a forma animal, semi-humana ou humana para devolver a ordem à realidade. Entre todas, a de Krishna – que manifesta Deus em sua totalidade - é a mais importante.

trino, numa comunidade absoluta, é a origem a partir da qual tudo procede, o Verbo, ou expressão por meio da qual tudo foi feito (Jo 1,3). A profunda comunhão embasada na relação entre os três, dando foco às relações humanas.

A terceira perspectiva religiosa da plenitude se encontra no conceito *nirvana*, do budismo, que também revela a dimensão da plenitude, estando a intuição básica em toda a realidade da experiência humana interconectada. Tudo o que existe é impermanente e transitório, quando na percepção racional da impermanência das coisas se experimenta o *nirvana*, também dito vazio por alguns. Este vazio está além de nomes e formas ou a profunda paz.

Em termos de estudos comparativos da religião, os estudiosos denominam a plenitude como Realidade Última.<sup>4</sup> Alguns antropólogos, como Émile Durkheim (1912), em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, aplica o “Todo” no campo da religião, ao analisá-la como Todo, mas compreendida através das partes. Desenvolvendo a ideia de Ernst Cassirer, Fernandez, (1986, p.161), aponta que conhecer o Todo envolve o princípio de “consanguinidade das coisas”, que é a pressuposição fundamental das sociedades primitivas. Amaladoss (1997) aponta como “totalidade” aquilo que se refere à integração e união do que é dividido, múltiplo ou parcial. Para o presente contexto, apresentam-se três símbolos provenientes de culturas diferentes que contemplam e mostram o espírito que se encontra no Sínodo da Amazônia.

### 1.1 Plenitude da cultura indiana

O primeiro símbolo da plenitude provém da cultura indiana, chamado de *pürnam* – totalidade. Recebe o suporte adequado nas sagradas escrituras indianas, na invocação precedendo *Isha Upanishad*, que diz: “Plenitude por toda parte, da plenitude origina-se a plenitude. Quando a plenitude se origina da plenitude, a plenitude permanece” (AMALADOSS, 1997, p. 27). Não há como compreender essa plenitude, pois nela se encontram imersos os seres humanos. É como se estar inserido num oceano em que se vive, movimentar-se e ter o seu próprio ser. Ela não é estática, mas repleta de vida e criatividade. No dizer de Amaladoss:

Reparte sua abundancia na criação, nada perdendo em dar ou criar. Pelo contrário, a plenitude permanece; a multiplicidade e a variedade da criação são vistas não como divisão e fragmentação, mas como riqueza enraizada numa unidade que é plenitude (AMALADOSS, 1997, p 16).

No sul da Índia, na cultura tâmil, essa plenitude é também vista como *puṇakumbha* – o vaso cheio. “Um vaso redondo cheio de água, por vezes decorado com um coco e folhas de manga em seu cimo. A água é o símbolo da vida e o vaso cheio simboliza plenitude de vida” (AMALADOSS, 1997, p.16). Diferentemente da totalidade que evoca estrutura, a plenitude

---

<sup>4</sup> Realidade Última é um dos tópicos próprio para comparar as ideias religiosas, porque algumas religiões não têm deus ou outras têm muitos. A categoria Realidade Última obviamente é frutífera para a comparação.

exala vida. Assim ela envolve, faz com que o indivíduo esteja integral, promovendo fraternidade comunitária que sustenta a solidariedade social e finalmente preservando a harmonia cósmica. Quando existe um equilíbrio entre essas dimensões experimentamos a plenitude.

## **1.2 Ubuntu da cultura africana**

Pouco conhecido, o conceito de *ubuntu*,<sup>5</sup> da filosofia africana, trata da importância das relações entre as pessoas, ao contrário do pensamento filosófico do Ocidente, sobre a existência humana, conforme Descartes, “penso logo existo”. Ao contrário da abordagem filosófica da tradição budista, “existo por isso penso”, o conceito de *ubuntu* apresenta “eu sou porque nós somos” e entende que as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha.<sup>6</sup>

De modo geral pode-se afirmar que a filosofia *ubuntu* seria “humanidade para com os outros” ou se pode dizer que “a minha consciência é afetada quando o outro sofre ou é oprimido”. O conceito de *ubuntu* parece ter sido utilizado amiúde por Nelson Mandela, na sua administração política na África do Sul, para construir a identidade sul-africana, até então dividida com o *apartheid*. Etimologicamente, o conceito *ubuntu*, não remete à raiz de sua origem, mas exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade. Os estudiosos costumam se referir ao termo como uma ética “antiga” que vem sendo usada “desde gerações imemoriais”. A grande maioria dos pesquisadores especula que a palavra tem origem na civilização do Antigo Egito, todo território do império que abrangia o atual Sudão, Eritreia, Etiópia e Somália, apresentando-se como uma ética. Outros, porém, dizem que esse conceito foi desenvolvido na África subsaariana.

Ao se introduzir esse conceito na abordagem sobre o Sínodo da Amazônia, é necessário observar-se o que está nele inserido. Fundamentalmente, *ubuntu* articula um respeito básico pelos outros pelo fato de a pessoa ser um humano e pela natureza humana implicar compaixão, respeito e empatia para com os outros. A ideia de *ubuntu*, portanto, inclui respeito pela religiosidade, individualidade e particularidade dos outros. Na esfera política, também, o

---

<sup>5</sup> Ideia menos conhecida de convivência harmônica no mundo ocidental. O conceito *ubuntu* é proveniente da África. Pelo fato de abordar e reconhecer a importância das relações entre os humanos, apresenta-se esse conceito numa forma sucinta para fortalecer a ideia da plenitude. Disponível em: <<https://www.geledes-.org.br/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>>. Acesso em: 15 de maio 2020.

<sup>6</sup> Esse conto relatado pela jornalista e filósofa Lia Diskin durante o Festival Mundial da Paz, ocorrido em Florianópolis, em 2006, explica a filosofia *ubuntu* a partir do caso de uma tribo africana: um antropólogo propôs um jogo para as crianças da tribo *Ubuntu*. Ele colocou uma cesta de doces perto de uma árvore e fez as crianças ficarem a cem metros de distância. Então anunciou que quem chegasse primeiro teria todos os doces na cesta. “Aí ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse ‘já!’, elas deveriam sair correndo até o cesto e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse ‘já!’ instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e comerem felizes.” Quando o antropólogo perguntou por que o fizeram, elas responderam: “*ubuntu*, tio. Como alguém de nós pode ser feliz quando as outras tristes? Ele ficou pasmo. [...] *Ubuntu* significa: ‘eu sou porque nós somos’ ou, em outras palavras ‘eu só existo porque nós existimos’.” Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/>>. Acesso em: 10 de julho 2020.

conceito é utilizado para enfatizar a necessidade do acordo e consenso nas decisões nas questões humanitárias e de reconciliação.

Essas atitudes estão presentes na abordagem do sínodo, respondendo aos apelos que surgiram de diversos cantos da Amazônia. Neste sentido, a proposta de *ubuntu*, “ser com os outros” e a do sínodo, que “todos sejam incluídos”, entram em sintonia apesar das distâncias culturais e continentais.

### 1.3 Ecologia integral do Ocidente

A ecologia integral é um pensamento recente. Surgiu com a industrialização que iniciou o diálogo sobre o aquecimento global. Em 1992, a segunda Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a chamada Eco-92, realizada no Rio de Janeiro, acionou o ponto de partida para a compreensão da ecologia integral. Inicialmente articulada como justiça, paz e integridade da criação, teve a sua evolução marcada ao longo dos anos. No Brasil, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, houve duas campanhas da fraternidade (2007, 2017) tratando do assunto, especificamente com o termo “bioma” e o cuidado de todos os tipos de vida.<sup>7</sup>

A ideia de ecologia integral se universalizou em seu aspecto inicial focado somente para salvar as florestas com o intuito de preservar o equilíbrio entre as chuvas e a agricultura. Na Índia, também, houve um movimento chamado “*appiko*” (abraço), onde cinco mil mulheres ficaram abraçadas às árvores quando a ordem governamental determinava cortá-las. Posteriormente, a ideia evoluiu e foi estendida ao cuidado dos animais. No Sínodo da Amazônia, a inclusão foi maior, incorporando-se também os seres inanimados. Vale dizer, a existência de cada elemento da natureza é necessária para existência de todos. Num exemplo basilar, a “pedra precisa existir para que a pessoa possa viver”. Por conseguinte, surge a obrigação de cuidar da pedra. Nesse sentido, a ecologia integral, como indicado pelo papa Francisco, em *Laudato si'*,<sup>8</sup> é uma proposta direta do sínodo, aplicada em primeiro lugar à Amazônia, bem como estendida às florestas das regiões do rio Congo, da África, além de florestas de outras bacias de grandes rios em continentes diferentes.

Esses três símbolos tirados de continentes diferentes se apresentam como uma inquietude geral dos seres humanos em relação à ordem cósmica. Surgem alguns questionamentos. Será que essa inquietude é de Deus? Não é a plenitude pedindo à humanidade para preservar a ordem cósmica através dos cuidados? Para tal propósito, o divino sempre

---

<sup>7</sup> Desde 1963 o Brasil organiza as campanhas da fraternidade, no período de quaresma, para conscientizar os fiéis sobre as responsabilidades da Igreja. Os temas são escolhidos a partir dos estudos prévios realizados pelas comissões. Normalmente, são temas relacionados à família, educação, pobreza e outros assuntos sociais e espirituais. Nos anos 2007 e 2017 foram direcionados à ecologia, especificamente sobre a região Amazônica. O tema da Campanha da Fraternidade de 2007 foi *Fraternidade e Amazônia*, cujo objetivo foi fomentar a preservação da floresta; a de 2017 foi *Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida*.

<sup>8</sup> Na encíclica *Laudato si'*, o papa Francisco se refere a duas bacias, do rio Amazonas e do rio Congo, como pulmões do nosso planeta.

escolhe certos indivíduos com índole ou certas estruturas religiosas para dialogar com a humanidade. A preocupação do sínodo possui um alcance universal. Pode-se entender como clamor do divino à humanidade através da estrutura sinodal para preservar a ordem cósmica através da Amazônia? Veja-se como ocorreu esse apelo dialogal de Deus em algumas religiões.

## **2 DIÁLOGO DO DIVINO COM OS HUMANOS NA PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS**

É verdade que o diálogo de Deus é compreendido como autocomunicação que ocorre no contexto da experiência humana. Observar esse “fenômeno de autocomunicação de Deus holisticamente é reconhecer um pluralismo de manifestações, determinado e em movimento em direção à unidade na plenitude de tempo” (AMALADOSS, 1997, p. 66). O instrumento que o divino utiliza para se comunicar é o ser humano.

O diálogo de Deus, no hinduísmo, deve se compreender na ordem sociológica da sociedade, a partir da construção do conceito chamado “avatar”, que significa cruzar. O mundo védico vem essencialmente da casta brâmane. “Todo o universo estava centrado ao redor do fogo sacrificial (yajna) e era determinado que dependia do ato ritualístico realizado pelos sacerdotes” (NEUNER, 1997, p. 281). Na *Bhagavad Gita* encontra-se o desenvolvimento de uma nova ordem sociológica, onde o discurso não é mais o sacrifício, mas o *dharma* (lei e ordem). Nessa visão, percebe-se que a manutenção da ordem cósmica foi atribuída ao deus preservador, *Vishnu*, que cruza o céu e chega à Terra, conforme a necessidade do mundo, especificamente quando aumenta o *adharma* (ignorância, desordem). Ele vem e estabelece o *dharma*, reequilibrando as condições. *Vishnu*, o deus da preservação, assumiu múltiplas manifestações: formas animais, semi-humanas e humanas. *Avatar* simboliza a bela atitude do divino para com os seres humanos com suas visitas para estabelecer a ordem. Encontra no *Bhagavad Gita*: “Quando há um declínio na justiça e a desordem opera, Ó Arjuna, naquela época eu me manifesto na Terra” (IV, 7). No contexto atual, pode-se entender que quando o equilíbrio do universo é ameaçado pelo caos, *Vishnu*, o deus preservador, encarna na terra para restabelecer este equilíbrio.

Na tradição judaico-cristã encontram-se diversos textos bíblicos entre os quais se destaca Êxodo (3,7-10), onde Deus convida Moisés a assumir o trabalho da libertação. Os verbos “ver”, “ouvir”, “conhecer” e “descer” são utilizados para elaborar a tarefa. A colaboração do ser humano é fundamental para estabelecer a ordem na sociedade. Posteriormente, na compreensão cristã, o próprio divino se revela na pessoa de Jesus de Nazaré, para estabelecer a ordem na humanidade com a vivência do amor, quando diz: “Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham plenamente” (Jo 10,10).

A tradição islâmica possui uma abordagem singular de desenvolvimento da ordem cósmica, que é embutida na invocação inicial de cada capítulo de Alcorão: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”. O divino é reconhecido a partir de seus atributos e qualidades.

Pode-se identificar a preocupação de Deus, no discurso de Ahmadinejad, então presidente iraniano, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 2006, quando afirma:

Ó Deus onipotente, todos os homens e mulheres são suas criaturas e o Senhor determina que fossem guiados e salvos. Conceda à humanidade que tem sede de justiça o ser humano perfeito prometido a todos nós pelo Senhor. E nos faça estar entre os seus seguidores e entre aqueles que lutam por seu retorno e sua causa (KAMEL, 2007, p.106).

A tradição budista possui um tratamento peculiar ao se falar de estabelecer a ordem cósmica – a partir da busca puramente individual usando o caminho racional. Sidhartha Gautama alcançou a iluminação e passou sua longa vida tentando despertar o resto da humanidade com sua pregação. Deepak Chopra resume numa forma brilhante em relação a Buda:

Tudo o que sabia ele aprendeu por meio de experiências árduas, às vezes amargas. Passou por um sofrimento extremo – que quase o levou à morte – e ressurgiu trazendo consigo algo incrivelmente precioso. Buda literalmente tornou-se a verdade. “Aquele que me vê também vê os ensinamentos” (CHOPRA, 2007, p. 5).

É o cuidado do budismo em relação ao cosmos, elaborado a partir da virtude de compaixão para com seres. Assim, pode-se buscar diversos exemplos do diálogo do divino com os humanos em contextos diversos.

### 3 UM OLHAR DE PERTO SOBRE O DOCUMENTO DO SÍNODO

O *Documento final* do Sínodo da Amazônia aponta os resultados de três semanas para se ouvirem as diversas vozes da região, principalmente a voz do povo indígena. Dada a complexidade regional, ele clama com inúmeros apelos às muitas vozes as quais as pessoas são incapazes de escutar. O sínodo teve o foco em duas direções. A primeira aponta para a proposta sinodal na continuidade dos temas levantados pela *Laudato si'*, concentrando-se num vasto território de terra com características especiais para toda a humanidade, lidando com as questões ambientais e, ao mesmo tempo, indígenas. A segunda direção remete à elaboração da discussão colocando a periferia no centro com a ecologia integral, buscando as formas de equilibrar a tecnologia, o consumo e a ecologia.

O processo sinodal, portanto, foi muito diferente dos outros, considerando-se neste “amazônico”, a promoção do conceito de “sinodalidade”, com a valorização e a inclusão, enfatizando a escuta e o aprendizado das bases. Papa Francisco descreveu o processo em profundidade, em uma cerimônia para marcar o 50º aniversário do Sínodo dos Bispos, em 2015: “Uma Igreja sinodalista é uma igreja ouvinte, consciente de que escutar é mais do que ouvir. É

uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender”.<sup>9</sup> Existe uma continuação no pensamento de Francisco, baseada em três conversões: a pastoral, apontada na *Evangelii gaudium*; a ecológica, em *Laudato si'*; e a sinodal, na constituição apostólica *Veritatis gaudium*.<sup>10</sup> O *Documento final* do Sínodo da Amazônia afirma:

A integração da criação, da vida considerada como totalidade, é a base da cultura tradicional que é transmitida de geração em geração através da escuta da sabedoria ancestral – uma reserva viva da espiritualidade e da cultura indígenas (9).

O documento faz um chamado às igrejas da região a desenvolverem o diálogo com as religiões tradicionais indígenas para atuar na preservação da “casa comum”.

### **3.1 Desafios na região amazônica**

O *Documento final* aponta alguns desafios da região amazônica que devem ser enfrentados, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento, em termos dos beneficiados e perdedores. Algumas empresas multinacionais são chamadas, como indústrias de mineração e exploração madeireira, hidrelétricas e agricultura em larga escala, a apresentar propostas de preservação das florestas. Há menção de projetos de conservação que se encontram mais preocupados em proteger ecossistema, direitos dos povos da região e também direitos territoriais.

O documento denuncia a criminalização das pessoas que protestam contra esses projetos e a violência contra as que se manifestam. Destaca, igualmente, a vulnerabilidade especial das pessoas que deixaram a Amazônia para viver em áreas urbanas, bem como a insegurança das comunidades que vivem em isolamento voluntário, especialmente as mulheres, que, muitas vezes, são presas por narcotraficantes e por trabalhadores associados a indústrias extrativistas.

Dois caminhos dialogais são apresentados pelo documento. O primeiro, mostra que são necessárias soluções holísticas nos campos diversos. O segundo trata, especificamente, da questão no interior da Igreja, delineando novos modelos de evangelização.

No viés da questão de abordagem holística, o documento apresenta, primeiramente, a abordagem da saúde integral, reconhecendo que a saúde humana e a de outras espécies estão se deteriorando pelas indústrias extrativas que introduzem novas doenças, exposições tóxicas e desmatamento. Água limpa, ar, comida e acesso à coleta de frutas, caça e pesca, são apontados como essenciais à saúde integral. Na sequência, em segundo lugar, os mecanismos que envolvem a “educação integral” como meio de aprender e ensinar uns aos outros, método

---

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em: 10 maio 2020.

<sup>10</sup> A *Veritatis gaudium* é uma atualização da antiga constituição apostólica *Sapientia christiana* do papa João Paulo II, datada de 15 de abril de 1979, escrita diante dos desafios para a educação católica. O papa Francisco assumiu realizar uma revisão e decidiu fazer uma nova constituição apostólica, apresentando novas normas aos desafios atuais.

utilizado pelos nativos da região, têm fundamentos na tradição oral e práticas de cuidado com a terra e as pessoas. O terceiro campo da abordagem holística é a conversão pessoal que justifique um estilo de vida que esteja de acordo com a região.

Tratando novos modelos de missão, o sínodo reconhece ações passadas da Igreja que causaram feridas profundas nas comunidades indígenas e não devem ser repetidas. Clama por uma Igreja missionária que valorize o diálogo intercultural e a escuta dos povos e da natureza. Exige uma evangelização fundamentada no respeito às culturas locais e uma abertura para incorporar essa culturalidade, enriquecendo a experiência cristã. Essa é uma Igreja que sai tanto de forma geográfica quanto cultural, que é profética e é solidária com as comunidades e seus territórios sob ameaça. Além disso, o sínodo apresenta algumas considerações em relação a atendimentos litúrgicos e sacramentais, propondo ministérios específicos para atender melhor a região.

## 4 OS APELOS DO SÍNODO DA AMAZÔNIA

O próprio tema do sínodo, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para ecologia integral*, apontou várias direções com apelos distintos. Consultas às abordagens de Gerard O'Connell, correspondente estadunidense no Vaticano e Luke Hansen, correspondente especial dos Estados Unidos para o Sínodo da Amazônia, ao longo do evento, em Roma, remetem às entrevistas por eles realizadas com muitos participantes que contribuíram com algumas conclusões em relação ao *Documento final*. É interesse, aqui, destacar alguns resultados das entrevistas, para o contexto do diálogo, a partir do sínodo. Apontam-se três apelos, denominados como “gritos”, realizados conforme os contextos específicos.

### 4.1 Grito de periferia no centro

O grito se refere ao fato de o sínodo se realizar em Roma, em vez de ser concretizado na própria região, que poderia ser considerado o grito da periferia em seu próprio local. Isso, no entanto, não aconteceu. No preparativo de dois anos, quase 22 mil pessoas foram diretamente envolvidas e outras milhares, indiretamente, para abordar as questões graves da região. A secretária geral da *Aliança Internacional de Organizações Católicas de Solidariedade*, através da senhora Gauthier, afirmou que

seu papel no sínodo era ouvir vozes que não temos acesso direto o tempo todo e considerar como apoiar as comunidades indígenas após o sínodo através de “pressão política” nos instrumentos políticos internacionais (HANSEN, 2019, p. 3).

Dos relatos concedidos nas entrevistas percebem-se representantes de diferentes comunidades indígenas amazônicas, que compartilharam sua fé e patrimônio cultural com o sínodo e prestaram depoimentos pessoais convincentes sobre os efeitos negativos das

mudanças climáticas e das atividades extrativistas. Vários desses líderes indígenas compareceram às coletivas de imprensa do Vaticano durante o sínodo, falando apaixonadamente sobre o que está em jogo para suas comunidades. Nessa visão, o sínodo foi profético na colocação das comunidades amazônicas e indígenas no centro do processo sinodal e por fazer uma opção clara para essas comunidades em relação aos interesses econômicos estrangeiros (HANSEN, 2019, p. 2).

Nesse grito se encontra uma consciência clara dos problemas dos nativos. Eles são ouvidos e assim se tornam uma voz profética, ao mesmo tempo perturbadora, tanto para a Igreja quanto para o mundo.

#### **4.2 Grito pela conversão**

O *Documento final* do Sínodo da Amazônia apresenta os gritos de conversão em quatro níveis: pastoral, cultural, ecológico e sinodal. Se a Igreja necessita buscar novos caminhos, são fundamentais essas conversões. Através do processo preparatório aprimorado, da maior participação de mulheres leigas e homens como especialistas e auditores, do incentivo a falar livremente sobre temas polêmicos e das ricas discussões em pequenos grupos, papa Francisco garantiu que o sínodo é um lugar de encontro, escuta e diálogo com os outros e com o Espírito, no qual todos são convidados a deixar de lado as expectativas e estar abertos à conversão. O secretário da comissão de informação do sínodo, Giacomo Costa, apresentou uma imagem bíblica referindo-se à dimensão espiritual do sínodo como “o cego que joga fora seu manto para ir a Deus”, e para o sínodo, significa “deixar para trás a segurança dos argumentos. O sínodo ‘é um caminho de discernimento’ que deve ‘deixar espaço para o Espírito’” (HANSEN, 2019, p. 4).

No contexto da conversão pastoral foi apresentada a questão dos padres casados onde o sínodo observou que muitas comunidades amazônicas ficam por mais tempo sem ter acesso aos sacramentos, dada a escassez dos presbíteros. Elaboraram-se os critérios afirmando que celibato é um presente de Deus, não exigido pela própria natureza do sacerdócio, daí se ordenarem pessoas adequadas para suprir as demandas da região. Demais, o tema do diaconato permanente para as mulheres foi também discutido durante o sínodo.

Na conversão cultural, o sínodo aponta o resgate do patrimônio da cultura de si mesmo sem perder sua identidade nem se desenraizar, escutando a sua própria voz e permanecendo fiel a ele (QA 28). Referindo-se à crise ecológica, considerada mais grave no cenário atual, a conversão deve acontecer individual e comunitariamente para trazer de fato as mudanças. A crise ecológica é mais grave no momento atual.

No quesito da conversão, o papa Francisco convocou a Igreja a se tornar mais sinodal em todos os níveis: bispos e padres próximos do povo, caminhando juntos, tendo “o cheiro das ovelhas” (EG 24), com maior colaboração nos níveis diocesano e regional para, assim, o Sínodo da Amazônia se tornar um instrumento de encontro, diálogo e conversão. A

sinodalidade refere-se à participação ativa de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja, abraçando a diversidade de carismas, de vocações e de ministérios do povo de Deus.

### **4.3 Grito para cuidar da casa comum**

O grito pelo cuidar da casa comum é continuação do documento *Laudato si'*. No sínodo, no entanto, recebe o foco mais distinto, organizado em torno de um território ecológico – Amazônia –, apontando para a ecologia integral. Os organizadores do sínodo tomaram várias medidas importantes: a implementação de um processo de registro on-line para evitar a impressão de papel, utilização de sacos, canetas e copos feitos com materiais biodegradáveis em substituição aos de plástico. Assim, o sínodo apresenta uma nova era para Igreja, plantando as sementes de metanoia, ou uma conversão radical no processo da evangelização.

Referindo-se à questão do grito para cuidar da casa comum, encontram-se também as orientações da Igreja reunida em sínodo, propondo-se a ouvir e agir profeticamente e responder aos gritos que ecoam em três áreas distintas, das águas, da fauna e da flora e dos povos da floresta, que precisam ser ouvidos, como afirmam Agenor Brighenti e Nadi Almeida:

A Amazônia é una e múltipla. Provoca indignação ética a Amazônia desmatada pelo fogo e pelo inescrupuloso agronegócio, denunciados por muitos e impetrados por tantos outros. Há também a Amazônia das populações tradicionais, que vivem dos recursos da natureza, com técnicas que não afetam o meio ambiente. Mas, há ainda outra Amazônia, pouco conhecida e bem conservada, quase intocada. É a Amazônia dos povos da floresta, seringueiros, indígenas, quilombolas, castanheiros, ribeirinhos (BRIGHENTI; ALMEIDA, 2019, p. 619).

Esses gritos de fato nos colocam no ambiente do diálogo e a assumir os compromissos concretos pedidos pelo sínodo.

## **5 OS CAMINHOS DIALOGAIS A PARTIR DO SÍNODO DA AMAZÔNIA**

A partir do sínodo encontram-se diversos caminhos do diálogo: entre as tradições religiosas, as culturas, a natureza. São as propostas apresentadas que levam “ao verdadeiro sentido de conhecer, apreciar, dar as mãos, e juntos agir para salvar, libertar tanto os oprimidos como os opressores, libertar das amarras da ignorância, da intolerância, da manipulação, do desrespeito ao diferente” (COEN, 2008, p. 7).

Nos tempos contemporâneos, vem crescendo a consciência de que a busca da unidade deve ocorrer com o respeito à pluralidade das distintas formas de Igreja e de religiões. O diálogo aparece hoje como uma tarefa fundamental e irreversível, um “intercâmbio dos dons”, essencial para o crescimento dos membros de cada tradição religiosa para o aprofundamento na Realidade Última.

Nesse sentido, o horizonte da atividade ecumênica diz respeito à realização da plena *communio* e da plenitude da unidade, que não pode ser uma Igreja única, mas somente uma unidade na diversidade. Como afirma Faustino Teixeira, “o caminho de conversão adequado não é aquele que conduz à Igreja católica, mas o que leva a conversão de todos a Jesus Cristo” (TEIXEIRA, 2008, p. 15).

Apoiando esse raciocínio, a Igreja se abre ao diálogo com atitude de humildade como sugere monja Coen, visto “que a ela (Igreja) não se impõe como verdade absoluta e única da salvação, mas que se propõe a cuidar dos pobres, dos oprimidos, que propõe a compreender o outro, respeitar suas tradições e ao mesmo tempo oferece o olhar de Cristo, puro e translúcido sobre as culturas” (COEN, 2008, p. 7).

Os movimentos ecumênicos e inter-religiosos partem de um critério ético que emana das distintas tradições religiosas, ou no trabalho partilhado em favor de uma nova solidariedade e hospitalidade entre os seres humanos e o cuidado com a casa comum. Ao longo dos anos, houve uma evolução do conceito do diálogo inter-religioso para relações inter-religiosas, como afirma Noel Sheth:

Em vez do termo “diálogo inter-religioso”, que é vago, eu prefiro usar a expressão, “relações inter-religiosas”, que, para mim, é uma designação mais rica porque não só aponta ao diálogo inter-religioso, mas também inclui a construção de relações pessoais com pessoas de outras religiões em nossa vida cotidiana, a partilha de experiências espirituais, e engajar-se na ação social comum com pessoas de outras religiões para estabelecer a harmonia, a justiça e a elevação social (SHETH, 2015, p. 353).

O sínodo está apelando para que se cultivem as relações saudáveis de acolhimento de pessoas, principalmente no contexto da Amazônia. Vale lembrar a afirmação de Rabindranath Tagore, em 1930, na Universidade de Oxford:

As raças da humanidade nunca mais poderão voltar às suas cidadelas de exclusividade murada. Hoje, elas estão expostas umas às outras, física e intelectualmente. As conchas que por tanto tempo lhes deram total segurança dentro de seus compartimentos individuais, foram quebradas e não há processo artificial pelo qual poderão ser coladas de novo (DALAI LAMA XIV, 2014, p. 5).

O sínodo apela para mostrar a fragilidade da população indígena. A Igreja assume como apelo do divino cuidá-la como presente de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do Sínodo da Amazônia, como se analisou ao longo do texto, é elaborar relações sadias entre tudo o que denominamos como ecologia integral ou, na linguagem religiosa, a sinodalidade. Para que haja essa comunhão, exige-se que o indivíduo esteja bem consigo mesmo. A qualidade de relações que um indivíduo preserva em sua vida decide a

qualidade de vida que o mesmo vive. Como afirma o místico socialista indiano Sadhguru, em suas abordagens:

Quando o corpo físico pede a relação, isso é sexualidade; quando a mente pede a relação aquilo é companheirismo; quando as emoções pedem a relação trata-se do amor e por fim, quando o corpo inteiro pede a relação é o yoga (comunhão).<sup>11</sup>

O Sínodo da Amazônia, com suas propostas claras, convoca a todos, independentemente de etnias, culturas e religiões, no diálogo de buscar em seus patrimônios específicos os recursos espirituais disponíveis para o exercício de uma nova convivência harmônica. Como afirma Teixeira, trata-se “de uma aspiração que provoca nos fiéis uma transformação singular que leva ao descentramento de si e o recentramento no Real, entendido como o ‘símbolo último do Tudo’” (TEIXEIRA, 2008, p. 16).

Além disso, existe um terceiro componente talvez mais importante explorado pelo sínodo, a oração que tece toda a diversidade. Entende-se que a oração seja a forma que se tem para conectar a vida com Deus, que carrega uma história milenar. Por isso, busca-se a análise da imagem da plenitude que tenta apresentar o ponto de partida para compreender melhor os intuitos do sínodo. ✨

## REFERÊNCIAS

AMALADOSS, Michael. **Pela estrada da vida:** prática do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1995.

AMALADOSS, Michael. **Rumo à plenitude:** em busca de uma espiritualidade integral. São Paulo: Loyola, 1997.

BRIGHENTI, Agenor; ALMEIDA, Nadi. Sínodo da Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. **Pistis e Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 617-640, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/25942>>. Acesso em: 18 maio 2020.

CHOPRA, Deepak. **Buda:** a história de um iluminado. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

COEN, Monja. Introdução. In: PIERES, Aloysius. **Viver e arriscar:** estudos inter-religiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2008. p. 7-8.

DALAI LAMA XIV. **Uma ponte entre as religiões:** por uma verdadeira comunhão da fé. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FERNANDEZ, James. The argument of images and the experience of returning to the whole. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. **The anthropology of experience**. Chicago: Illinois Book Edition, 1986. p.158-172.

---

<sup>11</sup> WHY relationships? Direção: Sadhguru. Chennai: Amutham Music, 2007, 1 DVD ( 50 min.).

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Querida Amazônia**: exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

HANSEN, Luke. Top five takeaways from the Amazon synod. **America – The Jesuit Review**, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.americamagazine.org/faith/2019/11/11/top-five-takeaways-amazon-synod>>. Acesso em: 20 maio 2020.

KALAM, Abdul. Introdução. In: DALAI LAMA XIV. **Uma ponte entre as religiões**: por uma verdadeira comunhão da fé. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 1-3.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã**: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

NEUNER, Joseph. **Bhagavad Gita**. In: DE SMET, Richard; NEUNER, Joseph (Ed.). **Religious Hinduism**. Mumbai: Saint Pauls, 1997. p. 279-281.

SANTA SÉ. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SHETH, Noel. Mutually enhancing interreligious relations. In: STANISLAUS, Lazar; UEFFING, Martin. **Intercultural mission**. Nova Delhi: ISPCK, 2015. v. 2. p. 353-370.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: a arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.

Recebido em: 29/05/2020.

Aceito em: 23/07/2020.